

Preconceito, discriminação e criminalização: Jaraguá do Sul (SC) entre “nós” e os “outros”

Ancelmo Schörner*

Resumo: Jaraguá do Sul passou por várias transformações desde os anos 1970. Dentre elas destacamos a industrialização, a urbanização e a intensificação do fluxo migratório. A migração, a partir dos anos 1980, provocou não apenas a ocupação da periferia, o crescimento populacional e o conflito com os “outros”, mas também abriu uma ferida narcísica em uma cidade que se orgulhava de sua colonização e cultura germânicas. Assim, o artigo analisa como os migrantes, notadamente os paranaenses, que no início dos anos 1980 eram aceitos na cidade, uma vez que eram mão-de-obra pronta a suprir as necessidades das linhas de produção, passaram a ser responsabilizados pelos crimes que ocorriam na cidade, pela devastação de encostas de morros e pela ocupação de suas áreas periféricas.

Palavras-chave: Jaraguá do Sul; migração; discriminação.

Abstract: Jaraguá do Sul (SC) has gone through a number of transformation processes since the 70s. Among those, industrialization, urbanization and growth of the migratory flow can be highlighted. Human migration, from 1980 on, has provoked not only the occupation of periferic regions, populational increment and the conflict with the “others”, but has also opened a narcisic wound in a city that has been proud of its german colonization and culture. Thus, the article analyzes the way the immigrants, definitely born in Paraná state, who were accepted in the city in the beginning of the eighties, as they were ready workers to supply the needs of the production system, were made responsible for the crimes that happened in the city, for the devastation of the hill sides and for the occupation of the peripheral areas.

Keywords: Jaraguá do Sul (SC); migration; discrimination.

“Os Lares viram passar por suas casas Penates das mais variadas proveniências e costumes; aos Penates, cabe disputar aos cotovelos um lugar ao lado dos Lares. A verdadeira essência de Leandra é argumento para intermináveis discussões. Os Penates acreditam ser o espírito da cidade, mesmo se chegaram no ano anterior, e que levam Leandra consigo quando emigram. Os Lares consideram os Penates hóspedes provisórios, inoportunos, invasivos; a verdadeira Leandra é a deles, que dá forma a tudo o que contém, a Leandra que estava ali antes da chegada desses intrusos e que restará depois que eles partirem!”.

“Esses do Paraná, não importa onde eles estejam, tão sempre procurando briga. Tão sempre com faca ou revólver na cinta. Matar e morrer é a mesma coisa pra eles. Eles acham que podem fazer aqui o que faziam lá: resolver tudo na violência”.

Este texto é parte de nossa tese de doutoramento em História (Universidade Federal de Santa Catarina, 2006) e tratou da ocupação, por migrantes, de dois morros de Jaraguá do Sul a partir dos anos 1980. Um dos morros, o da Boa Vista, representa um de seus espaços mais antigos de ocupação, remetendo-nos ao início do processo de colonização européia na região, a partir da década de 1870. Neste morro seus moradores, originalmente negros vindos do Rio de Janeiro e do Nordeste para trabalhar no Engenho Jaraguá, de Emílio Carlos Jourdan, que colonizou parte das terras, convivem com o abandono, o descaso e a segregação. O outro, o da Pedra, expressa de maneira clara as tensões existentes entre “nós” e os “outros”³, haja vista que seus moradores sofreram, e ainda sofrem, processos de culpabilização e criminalização. Sua ocupação é mais recente e remonta aos

* Professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, Campus de Irati (PR). E-mail: ancelmo.schorner@terra.com.br.

¹ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pp. 74-75.

² Palavras de uma moradora do Centro em uma conversa com o autor sobre violência em Jaraguá do Sul em 14/08/2003.

³ Neste caso, os “outros” são os migrantes, que representam o desconhecido, o diferente e, por isso, são motivo de estranheza, preconceito e rejeição, além de serem responsabilizados pela pobreza e criminalidade da cidade.

anos de 1980. A maior parte dos migrantes que moram nesses locais são de Santa Catarina e do Paraná.

A História oficial de Jaraguá do Sul sustenta que em 1864 a princesa Isabel, filha do imperador Pedro II e herdeira do trono, casou-se com o Conde d'Eu. Como parte do dote constavam as terras que vieram a formar o município, no Vale do Itapocu. Ao engenheiro e coronel Emílio Carlos Jourdan, amigo do Conde d'Eu e da princesa Isabel, coube a tarefa da demarcação das terras. No princípio eram 12 léguas quadradas, sendo aumentadas posteriormente para 25 léguas quadradas⁴.

A região começou a ser explorada efetivamente a partir da década de 1870, quando Jourdan chegou para tomar posse de 10 mil hectares de terras ao norte da Colônia Dona Francisca, entre a barra do Rio Jaraguá, a Leste, e a margem do Rio Itapocu, ao Norte.

Antes da assinatura do contrato de medição, em 11/01/1876, Jourdan havia feito um contrato com a princesa para colonizar parte do referido patrimônio. Pelo contrato ele arrendou, durante 15 anos, 430 hectares de terras no Jaraguá-sede, fez promessa de venda de dois mil hectares e, caso a compra se efetivasse, não precisaria pagar o arrendamento recebendo, ainda, o direito de povoar e extrair erva-mate, madeira e minérios. Assim, a história do Jaraguá está intimamente ligada às amizades de Jourdan com os proprietários das terras onde foi erguido o Estabelecimento Jaraguá, que consistia em engenho de açúcar, de farinha de mandioca e de fubá, olaria e serraria, em 1877.

Assim, quase simultaneamente à medição, Jourdan procurou estabelecer-se nas terras do Jaraguá, contratando ferreiros, marceneiros, carpinteiros e lavradores para a construção do engenho e a plantação da lavoura de cana-de-açúcar. Porém, a falta de estradas, igrejas, escolas e hospital fizeram com que tivesse que desistir do empreendimento em 06/06/1888⁵.

Com a República mudaram os rumos da História do Jaraguá, pois as terras dotais voltaram a ser patrimônio da União. Em 1893 as terras devolutas passaram à jurisdição dos Estados. A participação de Jourdan na Revolta da Armada, em 1893, ao lado de Floriano Peixoto, deu-lhe o respaldo político necessário para retornar ao Jaraguá, poder comprar dez mil hectares de terras do Governo do Estado de Santa Catarina, que faziam parte do antigo patrimônio, e estabelecer a Colônia Jaraguá no início de 1895. Esta concessão foi vendida à Pecher & Cia. em 01/07/1898 e ele retirou-se para o Rio de Janeiro⁶.

Durante sua História, Jaraguá pertenceu a São Francisco do Sul, Paraty (atual Araquari) e a Joinville. Somente no século XX, pelo decreto n.º 565 de 26/03/1934, Jaraguá foi desmembrado de Joinville, tornando-se município. O nome Jaraguá foi alterado para Jaraguá do Sul em 31/12/1943 pelo Decreto Lei Estadual n.º 941, por haver outro município mais antigo com o mesmo nome, localizado em Goiás.

Contudo, sua História não ocorreu assim tão tranquilamente como querem nos fazer crer as mensagens e versões hegemônicas, conforme veremos.

A Colônia Jaraguá não se insere no quadro de colonização clássica, uma vez que não recebeu imigrantes vindos diretamente da Europa, com exceção dos húngaros. Até a década de 1870 duas regiões polarizavam as correntes imigratórias européias, principalmente alemãs, na Província de Santa Catarina: Blumenau, no Vale do Rio Itajaí, e Joinville, no Norte. Nessa época, ambas se encontram em um estágio adiantado de colonização e desenvolvimento, transitando de uma economia de subsistência para uma de mercado e de transformação de produtos agrícolas. Também se destacam como centros regionais e importantes entrepostos comerciais, sendo Curitiba capital inter-regional e o porto de São Francisco do Sul o principal escoadouro.

A evolução econômica das áreas de colonização do Jaraguá passaram por três períodos distintos: o primeiro foi a passagem do nível de subsistência e agro-exportador à fase do artesanato, ligada à transformação dos produtos agrícolas e produção têxtil para o consumo. Esse período vai desde a "fundação" do Estabelecimento Jaraguá até meados da década de 1930.

⁴ SEBRAE. *Perfil do Município de Jaraguá do Sul*. Jaraguá do Sul, mimeo, maio/2003, p. 10.

⁵ Idem p. 10.

⁶ Ibidem, p. 11.

Na década de 1890 Jaraguá vivia uma economia de subsistência primário-exportadora, garantida através da produção agrícola baseada na pequena propriedade, e da transformação dos produtos agrícolas. Contudo, como os colonos produziam, de maneira geral, as mesmas coisas (açúcar, aguardente, farinha de milho e de mandioca, arroz, laticínios e derivados de carne), a solução encontrada foi a exportação desses produtos para outras regiões, como Joinville e Blumenau e destas para Curitiba. Esse comércio, realizado através dos vendeiros, era dificultado pelas péssimas condições das estradas existentes até o final do século XIX e início do século XX. A sua melhoria, no começo de 1900, tornou possível a ligação de Jaraguá a Joinville e a Blumenau com mais rapidez e segurança, garantindo à colônia um desenvolvimento mais acentuado⁷.

O segundo período é caracterizado por profundas alterações estruturais (energia elétrica, transportes, sistemas de crédito e desenvolvimento demográfico) que permitem a passagem do artesanato à pequena indústria. O terceiro tem início com a inserção do município na economia nacional, a partir de 1960, quando se consolidam uma série de empresas, surgem outras e tem início as exportações em maior escala. Desses períodos, o que nos interessa é este, haja vista que é a partir dele que o processo migratório se intensifica, os problemas ambientais e sociais começam a ganhar visibilidade e se avolumam.

A migração, a partir dos anos 1980, provocou não apenas a ocupação da periferia, o crescimento populacional e uma nova distribuição demográfica, mas mudanças significativas nas feições de Jaraguá do Sul, seus modos e costumes. Mas, principalmente, ela trouxe e deu a conhecer o “outro”. Ela abriu uma ferida narcísica em uma cidade que até então se orgulhava de sua colonização e cultura germânicas, onde os problemas objetivos - aumento da periferia, déficit habitacional desemprego, deficiências na infra-estrutura urbana - conjugaram-se com aqueles de caráter mais subjetivo, principalmente a perda das referências.

Os que migraram neste período têm em sua experiência de vida as marcas dos confrontos culturais e da recriação constante de sua identidade. Eles tiveram acesso a melhores empregos e lidam com mais facilidade e familiaridade com as linguagens do urbano, inserindo-se de forma mais acentuada no mercado de trabalho. Os empregos eram encontrados em indústrias químicas, metalúrgicas, da construção civil e do mobiliário, do vestuário, lojas, escritórios, supermercados. Em nome da necessidade de mão-de-obra abriram-se perspectivas diferentes para esses migrantes, o que não quer dizer que não sofressem a discriminação e a segregação.

O crescimento da cidade deu maior visibilidade às suas contradições e conflitos, tornando claro o distanciamento entre um imaginário homogêneo, onde prevalece um ideal de trabalho, ordem e harmonia, e o real, marcado pela divisão social, econômica e cultural. Assim, chocam-se frontalmente os epítetos da cidade ordeira e progressista com a pobreza e as desigualdades sociais dos morros, dos bairros periféricos. A migração transformou Jaraguá do Sul num lugar menos previsível, e os migrantes são os portadores concretos de um padrão de transformações, diversificações e perdas pelas quais passou a cidade com o aumento da população. Nessa sociedade, pretensamente homogênea, o migrante é um excelente bode expiatório para suas perdas de referências.

Não há nada de romântico no termo migrante, pois ele coloca a pessoa inequivocadamente como aquele que pertence a “outro lugar”, que posiciona uns em relação aos outros, que marca e segrega; é um termo que insiste na inscrição, na pecha, no estigma⁸, enfim, na possibilidade da indicação⁹. A história dos migrantes merece ser conhecida e/ou reconhecida entre nós, indo além da forma como a história hegemônica a constrói: os migrantes enquanto marginais, ruins, predestinadas ao crime e ao fracasso.

Pobreza, casebres, ruas sem infra-estrutura, loteamentos sem água, energia, com esgoto a céu aberto e moradores sem ônibus, demarcam um território rejeitado pela ordem estabelecida e uma visão que perpassa o imaginário, confrontando “nós” e os “outros”. Assim, os migrantes passam a ocupar esses espaços

⁷ O aumento da população registrado a partir de 1890 também se deu em função dessa melhora. Em 1912 o distrito de Jaraguá contava com uma população aproximada de 8 mil habitantes, sendo que perto de 2 mil falavam o português; mil, o italiano; 500 pessoas o polonês, e 4.500, o alemão (STULZER, Frei Aurélio. *O primeiro livro de Jaraguá*. Petrópolis, Vozes, 1972, 216, citando o 1º Relatório à Cúria Episcopal, anno de 1912 da Paróquia de Santa Emília de Jaraguá).

⁸ “Um estigma é um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo. Atributos seriam meios de categorizar as pessoas, tanto negativa como afirmativamente, e estereótipo seria a identificação do indivíduo a um atributo. Assim, quando indivíduos se apresentam com atributos que os distingue os outros e que, através deles se tornam - ou são tornados - socialmente inferiores, são portadores de estigmas. São pessoas - ou grupos - vistos como inabilitados para a aceitação social plena” (GOFFMAN, Erving. *Estigmas*. Rio de Janeiro, Guanabara, 4ª. ed., 1988, p. 13ss).

⁹ HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2003, p. 189.

e a receber, ao mesmo tempo, a pecha de marginais, ladrões de emprego, como se antes desse processo a cidade não convivesse com a pobreza, com a miséria e com a marginalidade. Diante disso, o discurso da cidade hegemônica, dos “daqui”, segue a seguinte lógica: se são de fora, se vêm roubar o emprego e causar problemas, que fiquem longe do centro, que vão morar em locais sem infraestrutura, nos morros, na periferia. Mas não é só isso. É preciso deixar claro que eles são migrantes, paranaenses, palavras que usadas insistentemente em tom negativo, começam a tomar a forma de estereótipo, e este é irmão do preconceito.

Não é difícil perceber o quanto as imagens do paranaense e do migrante encontram-se profundamente associadas. Um exemplo carregado de negatividade poderia ser o das manifestações em jornais, rádios e noticiários policiais culpabilizando os migrantes pelos problemas pelos quais passa a cidade, produzindo, acriticamente, um estigma. Os jornais, nos quais os protagonistas foram migrantes, notadamente paranaenses, acabam ressaltando uma imagem negativa destes, enquanto preserva idealizado o núcleo de uma identidade jaraguense original.

Já sofremos muito preconceito aqui em cima de lá de baixo, mas agora tá menos. Eles diziam que aqui só tinha preto, ladrão, brigão, malandro, dizia que o povo daqui não prestava, que tem muita gente do Paraná e outros lugar e isso tá acabando com Jaraguá. (...) quem falava isso era do jornal, da rádio. Tinha um radialista que vivia falando mal do povo daqui no seu programa. Não é bem assim, mas eles lá de baixo dizem isso da gente. Fazer o que, né? (...) Isso se deve muito ao caso que aqui em cima tinha muitos pretos e hoje têm muitos do Paraná. Aí tudo vira bandido igual¹⁰.

Teve um jornal uns tempos, o X, que o negócio dele era falar mal dos paranaenses, de quem era de fora. Tudo que era de ruim aparecia no jornal como culpa nossa. Até parecia que não tinha ninguém de Jaraguá que cometia crime, que era preso. Não. Isso não tinha. Era só do Paraná. Até ele dizia “só podia ser do Paraná” quando acontecia alguma coisa. Assim é que a gente aparecia no jornal. Mas a rádio não ficava atrás¹¹.

A simples presença dos migrantes na cidade já denunciava a existência de uma outra realidade, em oposição a um discurso hegemônico. Os migrantes aparecem na imprensa geralmente através de expressões tais como maré, ondas, corrente, fluxo, divulgando claramente uma imagem ligada à idéia de ameaça, assalto e invasão. Desta forma, culpar parte da população pelos problemas sociais aparece como uma idéia de lucidez extraordinária, pois agrada os que gostam de soluções claras, diretas e com culpados visíveis: os “outros”. Como existem interesses políticos e econômicos profundamente imbricados nas questões sociais, a dimensão demográfica aparece como a variável mais fácil de ser atacada. Ela parece pertencer a esta categoria de respostas exemplares na sua simplicidade e na sua eficácia aparente: bastaria reduzir a vinda de migrantes para que os loteamentos clandestinos ou irregulares parassem de proliferar, para que os morros deixassem de ser ocupados, para que a criminalidade diminuísse, para que os pobres e carentes desaparecessem. Ela é tranquilizadora para as elites porque lhes evita ter que fazer um exame crítico de suas responsabilidades.

Criminalizar a pobreza e os “outros” significa tratar a insegurança social como se fosse meramente insegurança física e responder às desordens urbanas e conflitos gerados pela pobreza persistente, e à ausência de um futuro viável, com a polícia e o aparato penal do Estado. As demandas por mais policiamento, pela ampliação das penas para delitos leves, por “varrer” das ruas os indesejáveis, a política da “tolerância zero” e do “pulso forte” expressam um impulso por delegar ao sistema de justiça criminal as conseqüências negativas do desemprego, da fome e da miséria, enfim, da migração¹². Este tipo de imprensa fala dos migrantes, mas não com os migrantes, pois falar dos “outros” é fácil, difícil é falar com “os outros”.

¹⁰ F. G. B., de General Carneiro (PR), mora em Jaraguá do Sul desde 1991 e desde 1992 mora no Morro da Boa Vista.

¹¹ Justino Pereira da Luz, de Barracão (PR), ex-morador do Morro da Pedra. Mora no Bairro Estrada Nova desde 1996.

¹² WACQUANT, Loic. (2001). *Os párias das cidades*. Entrevista publicada originalmente no jornal *Le Monde Diplomatique*. Disponível em <www.forumsocialmundial.org.br> Acesso em 10 abr. 2002.

Tinha um radialista, o Y, que vivia falando mal dos paranaenses em seu programa de rádio. Ele era direto mesmo. Falava mal e ainda ria da nossa cara. Aqui do Bairro Estrada Nova ele gostava de falar bastante. Aquilo foi dando raiva na gente. Até que um dia ele veio aqui, como vinha quase sempre pra ver e depois botar na rádio, e nós juntamos um povo na rua e cercamos o carro dele. Nós falamos que se ele não parasse com essas bobagens a gente ia invadir a rádio e quebrar tudo e aí eles iam ver o que era paranaense bravo. A gente jogou umas pedras nele e ameaçou virar o carro de roda pra cima. Ele foi embora. No outro dia ele só falou no rádio que tinha ido a uma comunidade e não tinha sido muito bem recebido. A partir daí parou de falar da gente¹³.

Aqui podemos observar como os migrantes reagem ao discurso que os criminaliza. A força de sua ação está em se apropriar deste discurso e invertê-lo, tornando-o eficaz, mesmo que momentaneamente, a seu favor. Ameaçando mostrar na prática o que “era um paranaense bravo” ao jornalista, os moradores do Bairro Estrada Nova, em geral, e do Morro da Pedra, em particular, conseguiram abafar esta voz que os marginalizava, pois ele, temendo sentir na pele a “naturalidade perigosa de um paranaense”, deixou de falar deles.

O convívio com a diversidade (étnica, lingüística, cultural) de populações que se acrescentam, configura a perda de identidade dos antigos cidadãos que, em princípio, se auto-representavam pelo modo de falar, por formas de comportamento, pela aceitação tácita de uma determinada hierarquia reconhecível até em sua disposição geográfica, enfim, por uma imagem de sua cidade, nesse caso branca, alemã e ordeira.

A categoria de origem, cujo contraponto é a de brasileiros, é própria do Sul do Brasil, onde imigrantes de origem européia instalaram-se em pequenas propriedades em uma sociedade caracterizada ora pelo latifúndio, ora pela atividade de subsistência. Genericamente, e todos os estereótipos sempre contêm algo de genérico, os “de origem”, partindo de uma situação precária, a terra inculta, construíram casas confortáveis, vilas, capelas, obtiveram excedente para comércio; do artesanato caseiro partiram para as manufaturas e, destas, para as fábricas. Tudo isso não foi obtido em uma geração, mas em um lapso de tempo historicamente breve, que lhes permitiu o contraponto com a população que primitivamente ocupava o território.

Como toda classificação é uma simplificação, importava destacar que os “de origem” não renegavam qualquer tipo de trabalho; trabalhavam de sol a sol em propriedades que, mesmo pequenas, eram suas; não tinham serviços para atividades de luxo; quando assalariados, submetiam-se a qualquer atividade, e a colona não era mulher de luxos. Essa era a visão que eles próprios tinham de si e pela qual passaram a ser reconhecidos pelos outros, pelo menos a partir do momento que possuíam poder de “nomação¹⁴” para tanto.

O discurso que funda a identidade comunitária é o da diferença, e a diferenciação se faz exagerando os traços distintivos de um grupo de pessoas diminuindo a importância de todas as outras características comuns compartilhadas com os outros grupos¹⁵. A diferença é um dado posto pelo real e construída pelo social. Como há uma desigual apropriação do espaço e da distribuição da renda, dividindo os homens entre ricos e pobres, favorecidos e desfavorecidos, pode-se dizer que a cultura estabelece diferenças, marcando as diversidades das formas de proceder, de falar, de relacionar-se, de atribuir sentido ao mundo, afirmando a distinção na maneira de construir valores, ritos, crenças, mitos e verdades como uma forma de qualificação do mundo¹⁶.

Possuir uma identidade cultural resultado de uma história teleológica e reidentora, que circula de volta à restauração de seu momento original, é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que se chama “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade¹⁷”.

¹³ Justino Pereira da Luz, de Barração (PR), ex-morador do Morro da Pedra. Mora no Bairro Estrada Nova desde 1996.

¹⁴ POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo, Editora da UNESP, 1998, p. 143.

¹⁵ GOMES, Paulo César. *A condição urbana*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002, p. 60.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. O outro no tempo. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, n.º. 1, jun./1999, p. 110.

¹⁷ HALL, op. cit. pp. 29-30.

Artigos

¹⁸ Para Derrida (1972 apud HALL, op. cit. p. 92), *différance* é tanto “marcar diferença” quanto “diferir”. O conceito se funda em estratégias de protelação, suspensão, referência, elisão, desvio, adiamento e reserva.

¹⁹ HALL, op. cit. p. 116 (grifo no original).

²⁰ A incorporação ao vocabulário da cidade oficial de termos como “paranaense” e “pé vermelho”, onde o primeiro opera como designação genérica de todos os migrantes e o segundo como sinônimo de marginalidade e loteamento, além de expressão usada por muitos para diferenciar os trabalhadores que vêm do Paraná, expressa a interiorização de imagens pejorativas forjadas no âmbito das lutas entre diferentes sujeitos pela imposição de significados dominantes.

²¹ Cidadania e exclusão vinculam-se, ou melhor, são explicadas a partir das relações identidade-alteridade. A identidade é a construção simbólica que elabora a sensação de pertencimento, propiciando a coesão social de um grupo, que se identifica, se reconhece e se classifica como iguais ou semelhantes.

²² A divisão entre estes mundos é tão intensa que chega a tomar contornos de fronteiras físicas, cujos territórios simbólicos de conduta moral expressam-se em espaços físicos. Existem fluxos e pontos perigosos, zonas de risco, dignas de vigilância e policiamento ostensivo, haja vista que os migrantes são elementos de desestabilização da ordem social pretendida. O exemplo mais significativo são os “loteamentos de paranaenses”, entre os quais figuram os loteamentos Ana Paula I, II, III e IV, o Santo Antônio e o Estrada Nova.

²³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade*. Rio de Janeiro, Editora Nacional, 1998, pp. 10-11 (grifo no original).

²⁴ Com a migração veio o preconceito, e frases como “Volta pra tua terra, pé vermelho” puderam ser lidas nas paredes dos banheiros de empresas de Joinville. Ou, o que é pior, “em meio a tantas siglas como 5S, TQC e CCQ, há uma estranha e preconceituosa: PEPR: Programa de Eliminação de Paranaenses” (NASCIMENTO, Jociane Maria do. “*Tem que ser paranaense*”: migração e preconceito. Projeto Experimental Grande Reportagem Imprensa, Curso de Jornalismo da Univali, Itajaí, mimeo, nov./1996, pp. 2 e 19.

²⁵ Natalício, de Verê (PR), mora no Morro da Pedra desde 1992.

A própria noção de uma identidade cultural, idêntica a si mesma, autoproduzida e autônoma, tal como a de uma economia auto-suficiente ou de uma comunidade política absolutamente soberana, teve que ser discursivamente construída no “outro” ou através dele, por um sistema de similaridades e diferenças, pelo jogo da *différance*¹⁸ e pela tendência que esses significados possuem de oscilar e deslizar. O “outro” deixou de ser um termo fixo no espaço e no tempo externo ao sistema de identificação e se tornou uma “exterioridade constitutiva” simbolicamente marcada, uma posição marcada de forma diferencial dentro da cadeia discursiva¹⁹.

A imagem do migrante como invasor demarca, através das identidades, os espaços de atuação. Por isso teme-se e odeia-se muito mais facilmente aqueles que, no fundo, não se conhece, embora se pense conhecer. A naturalidade, enquanto marca de origem, torna-se condição de ilegitimidade para a efetiva atuação e participação no espaço. Assim, independentemente da forma de designação (“pé vermelho”, “paranaense²⁰”, “serrano”), a identidade regional é marcada socialmente pela oposição de classe: o critério classificatório de base regional encobre a linha de diferenciação de classes sociais. Este mecanismo reflete em nível de reconhecimento, a divisão social e seus conflitos, constantemente mascarados, onde as relações estabelecidas com o “outro” situa-nos face à manipulação de símbolos de identidade tanto de um grupo como de outro.

A identidade é produto de uma intenção, em que os objetos ou sujeitos - “nós” e os “outros” - se constituem enquanto se comunicam. Em suma, a construção do *nós* identitário pressupõe a existência do *outro*. O *outro* é a concretização da diferença, contraposto como alteridade à identidade que se anuncia²¹. A visualização, identificação e avaliação classificatória do *outro* acontece sob o signo da estrangeiridade, e é pelo distanciamento²² - contrastivo, antagônico ou de semelhança - que se pode construir uma noção de pertencimento social²³.

A incorporação de paranaenses ao mercado de trabalho de Jaraguá do Sul foi bem mais complexa e problemática do que em geral se supõe. Longe de uma simples e linear transferência de mão-de-obra de uma região para outra, a migração foi um processo contraditório que despertou e exacerbou preconceitos²⁴ e profundas divergências. No mercado de trabalho, tais discriminações não existiram apenas da parte de alguns empregadores contra trabalhadores de origem migrante, mas também no conjunto da sociedade, inclusive entre os próprios trabalhadores.

Tem muita que só sabe dizer que paranaense é bandido e que vem pra Jaraguá tirar emprego dos que estão aqui. Se eles olhassem um pouco pra traz na história iam ver que muitas empresas de Jaraguá foram fazer propaganda lá na nossa terra pra gente vir pra cá. Até pediam pros parentes trazer gente pra trabalhar nas firmas, que naquela época estavam precisando. E agora nós é que somos bandidos, gente que não presta²⁵.

Um rápido olhar por certos discursos que apontam culpados pela crise econômica revela que, mais uma vez, os migrantes estão sendo chamados à responsabilidade, e as migrações aparecem como problema a ser sanado em prol da ordem social que se quer preservar. Afinal, o conjunto de processos sociais a que damos o nome de migração envolve grandes massas populacionais, as quais se encontram, quase sempre, na condição de vítimas preferenciais dos problemas pelos quais são responsabilizadas²⁶.

A difusão das imagens de Jaraguá do Sul como terra do emprego e de oportunidades, atraiu levas de migrantes, mas ao mesmo tempo a existência de duas cidades, a real e a pretendida, a da riqueza e da miséria, significou o sucesso e a falência de um modelo de desenvolvimento tornado visível com a intensificação de suas contradições sociais através de seus lugares reais. A partir de determinado momento a migração tomou conta da propaganda, que passou a ser feita entre os próprios migrantes nas visitas de Páscoa e finais de ano, por telefone e cartas,

numa grande difusão oral, informal e “arbitrária” desse ideário. O sentimento de perda do controle sobre o fluxo migratório é visível no início dos anos 1990 e ele está nos discursos preocupados com os problemas urbanos, nos efeitos negativos da invasão da cidade pelos migrantes, pobres, miseráveis, pedintes e no agravamento do déficit habitacional, que preocupava desde o começo de 1970. Inaugura-se, assim, o tempo das visões negativas sobre os migrantes.

Na época você entrava numa empresa o cara te perguntava, o cara que te requisitava falava pra você assim: “Quando tu vai pro Paraná?”, “Eu vou daqui quatro meses”, “Então se tiver mais gente você traz”. Primeiro ponto, que na época, 15 anos atrás, o cara da empresa falava isso pra você. Aconteceu comigo. Aí, o que acontecia? Você ia e trazia o irmão, trazia outros. Isso falaram pra mim, mas como falaram pra mim, podia ter falado pros outros também. O que acontecia? O pessoal foi se empolgando com aquilo. (...). Com isso foi aumentando o número de gente. Por quê? Era bom de emprego (...). Depois as coisas mudaram bastante, mas o pessoal não deixou de vir²⁷.

O grau de desenvolvimento a que chegaram a maioria das empresas de Jaraguá do Sul, fez com que elas não precisassem mais de tantos trabalhadores. Essas empresas, a partir do início dos anos 1990, com destaque para os setores do vestuário e metalúrgico, passaram por um processo de reestruturação produtiva. Esse processo, que envolve desconcentração industrial, automação e terceirização, aumenta o nível de desemprego e o grau de informalidade da economia, ainda está em curso e tem conseqüências diretas na situação vivida pelos moradores dos morros, da periferia de modo geral no que diz respeito à moradia, saúde, alimentação e transporte. Outro fator importante para a formação dos bolsões de pobreza é que as indústrias exportadoras precisam de certificações da ISO²⁸ para participar do mercado global, exigindo, para admissão de trabalhadores, a conclusão de, no mínimo, o ensino fundamental, gerando um desemprego aproximado de 4.000 pessoas²⁹.

O tempo do “trabalho a rolê”, como diria um migrante paranaense, havia acabado. Em 1993 a cidade estava longe de ser um paraíso para quem procurava trabalho, especialmente não qualificado. O número de desempregado chegava à casa dos quatro mil, de acordo com um levantamento feito pelo SINE³⁰ baseado nas 4.456 requisições para o pagamento do seguro desemprego³¹. Dessa forma, os sonhos daqueles que buscam trabalho, moradia e melhores oportunidades, confrontados com a realidade, tornavam-se pesadelo.

Em uma matéria publicada na página policial do Jornal Correio do Povo de 26/07/1994, dados da Secretaria do Bem-Estar Social davam conta que em meados de 1994 entravam na cidade cerca de 30 pessoas por mês, vindas dos mais diversos municípios, principalmente do Paraná e Oeste de Santa Catarina. A secretaria confirmava que na maioria dos casos muitas dessas pessoas acabam na “rua da amargura”.

Esta mesma onda de homens e mulheres atraídos pela promessa de emprego e bem viver engendrava sentimentos ambíguos, principalmente naqueles que se referiam à cidade empregando um pronome possessivo: nossa cidade. Na imprensa, as análises cotidianas buscavam ponderar os aspectos positivos e negativos de um desenvolvimento demográfico que excedeu as previsões dos mais experimentados administradores. Multiplicavam-se as manifestações contra o excesso urbano, bem como contra as hordas que incomodam o olhar, clamando por soluções.

No território da cidade vão se delineando fronteiras que marcam os espaços a serem ocupados pelos “daqui” e pelos “de fora”, como que se aos negros, pobres e migrantes fosse permitido ocupar certos espaços, como o centro, para comprar, pagar contas e trabalhar, mas depois se deve voltar para a periferia, para o morro, para “o seu lugar”. O centro passa a ser visto como sendo a cidade, acentuando o preconceito, a discriminação e a segregação.

²⁶ BASTOS, Ana Regina Ribeiro e PÓVOA NETO, Helion. Migrações e discurso literário: imagens e representações nos anos 30. *Revista Travessia*, São Paulo, n.º. 17, set./dez./1993, p. 15.

²⁷ Marcelino, de Dois Vizinhos (PR), mora no Morro da Pedra desde 1990.

²⁸ Com sede em Genebra, na Suíça, é uma organização que promove o desenvolvimento de normas, testes e certificações.

²⁹ Em 1999 a Secretaria da Família havia atendido 4.944 famílias, das quais 1.210 titulares estavam desempregados, e segundo ela apenas 15% da população tinha condições de empregabilidade (Jornal Correio do Povo, Jaraguá do Sul, 01/06/2000, p. 5).

³⁰ Sistema Nacional de Emprego.

³¹ Jornal Correio do Povo, Jaraguá do Sul, 20/03/1993, p. 16.

As representações das elites sobre os espaços ocupados na cidade expressam bem a idéia que têm de todos aqueles que não podem pagar pelo bem morar. Dessa forma, a expressão “loteamento” só pode ser aplicada para os espaços periféricos, para os lugares onde moram os migrantes, para os espaços de exclusão, dos pobres, dos trabalhadores. Espaço este que deve ser escondido da cidade ideal, daquela produzida para consumo externo e baseada na limpeza, na organização, na existência de equipamentos urbanos; deve ser escondido pela distância, pelo que resta da vegetação dos morros.

Estes conflitos eram latentes e ganhavam amplitude através de programas de rádio e matérias em jornais, onde os migrantes apareciam como marginais, ladrões e bandidos; como aqueles que degradam o meio ambiente, habitam os morros, moram longe. Assim, “nós” e os “outros” criam uma imagem de oposição entre dois territórios mutuamente excludentes, embora, em princípio, ambos façam parte e constituam aquilo que denominamos a cidade de Jaraguá do Sul, onde a fronteira física pretende delimitar formas diferentes de comportamentos espacial e social. Dessa maneira, a exclusão social deixar de ser apenas um estatuto abstrato para ganhar a forma de um território, muito embora as dificuldades e desigualdades não desaparecem simplesmente porque procuramos evitá-las.

Concomitantemente, esta situação foi se definindo como espaço marginal, onde o lugar e a condição se mesclaram, passando a constituir uma só zona de opacidade no tecido social: se o lugar é marginal, posto que periférico, irregular ou clandestino, quem mora nele também é marginal.

Os morros, como os que estamos analisando, se expressam em discursos de saber e de poder, especialmente quando suas falas confrontam-se com as da cidade hegemônica, com o tratamento desigual e diferenciado exigido pela existência do social. A cidade hegemônica precisa manter e justificar os autoritarismos e as dominações, por isso investe seu discurso sobre os moradores de forma a dotá-los com a perversidade de sua lógica, o que quer dizer que se busca certa “aceitação” e “naturalização” da inferioridade dos moradores da periferia, como que dando benção à naturalidade da normalização da violência, do preconceito, porque tais acontecimentos estão ligados ou referidos à população pobre, negra, migrante, moradora do morro.

Hoje o morro ainda é bem mal falado lá embaixo. Dizem que aqui era o morro da África por causa dos negros que tinha. Hoje tem pouco negro aqui. Acontecia muita briga, muita bebedeira, muita confusão aqui em cima há uns tempos atrás. Aí ficou o medo do pessoal do morro. Então quando se fala que mora no Boa Vista o povo fica meio com um pé atrás, desconfiado³².

O preconceito tem sim da cidade em relação ao morro. Mas não é aberto, que todos falam. Isso não. Ele tá disfarçado nos papel que se exige, na falta de estudo da pessoa daqui de cima, na Prefeitura que não aparece aqui pra arrumar as coisa. Isso pra mim é preconceito. Isso eu digo que o Boa Vista é uma das localidades mais antigas de morador da cidade e não tem quase nada do que outros lugar tem, de asfalto, água, luz³³.

Há, assim, um constante movimento de produção dos “outros”. Mas, quem são os “outros”? Por que são produzidos? Eles são os migrantes, os negros, os pobres. Pode-se dizer que são produzidos para a afirmação da germanidade a todo tempo requerida pelo passado da colonização, consolidando uma memória única do lugar e homogenizadora, muitas vezes responsável pelo apagamento de tensões e instituindo verdadeiros silêncios sobre trajetórias, mobilidades e seus significados.

Os termos de oposição “aqui” e “lá”, “nós” e “eles”, são considerados como dados: o problema é usar o encontro com “eles” para construir uma crítica de “nossa sociedade”. A cidade está carregada de “nós” e de “outros”, de “centro” e de “periferia”, e por mais que se queira negar, o “outro” está perto, pois a relação se dá, inevitavelmente, com aqueles que não queremos perto de nós,

³² Seu Idelfonso, de Nova Trento (SC), mora em Jaraguá do Sul desde 1981 e desde 1988 mora no Morro da Boa Vista.

³³ Seu Olanir, de Guaramirim (SC), mora em Jaraguá do Sul desde 1970 e desde 1974 mora no Morro da Boa Vista.

dentro de “nossas” fronteiras³⁴. O “outro” está perto e não precisa ser exótico ou longínquo para ser outro; a relação não se dá simplesmente com povos que são diferentes, mas com uma sociedade diferente, uma cultura diferente e, assim, é inevitavelmente uma relação entre “aqui” e “lá”.

Desta maneira a avaliação positiva dos migrantes - quando suprem a necessidade de mão-de-obra - passa a ser negativa, criando-se uma imagem que os joga contra a sociedade como um todo, sendo que uma das mais fortes é a de que ele veio roubar o emprego dos jaraguenses e, ocupando a periferia, trouxe a marginalidade e a criminalidade para uma cidade que não a conhecia. É neste jogo de tensões e competição pelos mesmos recursos num mesmo mercado de trabalho, moradia e educação, que se estabelece o conflito.

Aqui tem preconceito sim. A cidade não gosta de quem vem de fora, mas se esquece que quando precisava de empregado as firmas iam buscar gente no Paraná pra trabalhar aqui. Mandava aqueles que já trabalhavam pedir pra arrumar gente, parente, conhecidos que queriam vir pra cá. Hoje isso não é mais preciso e então eles falam mal da gente³⁵.

Dizem que os paranaenses vêm aqui pra roubar emprego, causar confusão. Isso não é verdade. Falam também que aqui no morro só tem favelado. Até um prefeito disse uma vez que aqui só tinha favelado, mas acontece que ele nunca veio aqui, nem sabia de nós. Como podia chamar a gente de favelado? O caso é que a gente fica até meio estressado com isso. Acho que o pessoal daqui tem raiva do povo do Paraná porque eles construíram Jaraguá, fizeram essa cidade crescer. Aqui não tinha gente que trabalhava que chega e então eles mandavam buscar no Paraná e agora ficam falando mal da gente³⁶.

Do ponto de vista das elites, a pobreza que habita os morros não é apenas sinônimo de miséria: ela traz a insegurança, a violência, o medo, delimitando a partir do centro, aquilo que está às margens. Como o grupo se define pelo mecanismo de exclusão, tendo em vista uma característica demarcadora qualquer, ele sempre se vê ameaçado pelos elementos oriundos de fora dele, e essas fronteiras, ainda que fluidas, são territórios de conflito, reivindicação e reprodução da ideologia central da diferenciação.

Como o que nos interessa é a alteridade rejeitada, negada, estigmatizada, reiteramos que a cidade que se estrutura e constrói não o faz somente pela materialidade de suas construções e pela execução dos serviços públicos, intervindo no espaço. Há um processo concomitante de construção de personagens, com estereótipa fixada por imagens e palavras que lhes dão sentido preciso. Os chamados *indesejáveis*, *perigosos*, *turbulentos*, *marginais* podem ser rechaçados e combatidos como o inimigo interno, ou pelo contrário, podem se tornar invisíveis socialmente, uma vez que sobre ele se silencia e nega a presença. Esses excluídos, não-cidadãos, formam os *selvagens*, ou *bárbaros de dentro*. Eles se opõem à cidade que se quer e que deve se aproximar, em maior ou menor grau, da matriz civilizatória desejada³⁷.

Assim, a formulação identitária guarda as distâncias entre a representação e a realidade vivida. Uma Jaraguá do Sul que se quer branca, ordeira, pacífica, alemã e progressista encontra no “outro” sua negação. Na contraposição do “nós” com os “outros”, a segregação se apresenta como uma negação perversa da alteridade, posto que separa, recorta e rejeita indivíduos e grupos, se expressando por palavras, imagens e práticas sociais. Nesse sentido, a europeização³⁸ da cidade é uma identidade regional forjada, um projeto de germanização construído a partir da afirmação de determinadas etnias e da exclusão de outras, notadamente para consumo externo.

Onde estão os “outros” neste olhar? Numa acepção mais simbólica, negros, migrantes, moradores de morros, continuam sendo, mesmo que longe dos olhos, o que sempre foram: párias em uma sociedade edificada sobre o trabalho.

O preconceito, a injustiça, a discriminação e a violência em relação ao “outro” passaram a ocupar o lugar do antigo impulso racial, ao mesmo tempo em

³⁴ GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antônio. (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas, Papirus, 2000.

³⁵ Edirléia, de Guarapuava (PR), mora no Morro da Pedra desde 1987.

³⁶ Dona Cleonice, de Cantagalo (PR), mora em Jaraguá do Sul desde 1990 e desde 1994 mora no Morro da Pedra.

³⁷ PESAVENTO, op. cit. 1998, pp. 12-13 (grifo no original).

³⁸ Prova disso foi o projeto do prefeito Durval Vasel (1993-1996) de erguer edificações em estilo alemão na estrada que liga a cidade a Pomerode, e em estilo italiano na que a liga a Corupá.

que há a construção de muralhas defensivas de todos os tipos, tamanhos e formas, para que a cidade hegemônica pudesse apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de “pertencimento”, onde não se abarca os processos mais amplos, o jogo da diferença e da semelhança³⁹.

“Enchente”, “onda”, “vaga”, eram palavras empregadas para expressar a intensidade e o significado das transformações na estrutura populacional da cidade nos anos 1980. Era desta forma que os jornais se referiam aos migrantes que afluíam à cidade. Possivelmente com essa forma um tanto ingênua de tratar a questão, esperava-se que tal onda passasse logo, tal como as vagas no mar.

O que se lia nos jornais é que uma “população de estrangeiros⁴⁰” estava chegando a Jaraguá do Sul “atraídos pela falsa idéia de aqui terão bons salários”. A pergunta que se faz é: quem os estava atraindo? Por quê?

Eu mesmo, no Paraná, falei prá um monte de gente de Jaraguá. Falei que aqui tinha emprego, era bom, mas não tinha casa. Mas isso a gente arrumava pros primeiros dias do cara aqui em Jaraguá. Isso resolvido o resto era fácil. A gente mesmo já dizia pro chefe que tinha uns parentes, conhecidos lá na nossa cidade que podiam trabalhar na empresa e eles pediam que eles viessem logo, que estavam precisando, os setores da fábrica crescendo, precisando de gente. Então já viu né, eles viam que a gente trabalhava igual uns cavalos. É claro que eles queriam mais gente igual pra trabalhar na fábrica. Veio muita gente assim, de monte. Eu mesmo trouxe muita gente prá cá desse jeito⁴¹.

Emprego? Nossa. Tinha de monte. Era só procurar. Tinha mesmo a rolé como diz lá no Paraná. Até o pessoal da firma dizia que se tinha mais gente conhecida nossa lá no Paraná era pra trazer, era pra vim que emprego se dava um jeito. Parentes, tios, conhecidos, era pra trazer todo mundo que as empresas estavam pedindo⁴².

Como vimos, a presença dos “outros” compõem imagens que oscilam entre atitudes de aceitação e rejeição. A segregação implica a negação do acesso ao reconhecimento social e à participação na produção da riqueza. Esta gente é constituída, sobretudo, por pobres, colocados à margem da ordem formalmente estabelecida e do mundo oficial do poder, rejeitados ou ignorados pelo processo identitário; eles são a alteridade incômoda, o reverso da medalha da identidade nacional ou cidadã, do mundo dos humildes e da pobreza, cuja simples existência é denunciadora da desigualdade social, do preconceito e do que se convencionou chamar de problema a ser combatido. Além disso, este “outro” é negado como agente da história e varrido do espaço urbano que se pretende ordenar e civilizar. Em suma, são os produtos indesejáveis do progresso.

Contribuição recebida em 18.02.2008 e aprovada em 27.06.2008.

³⁹ Ser alemão e jaraguaense é estar em confronto com o “outro”. Nesse tipo de discurso os efeitos de naturalização como fatos fixos são materializados e podem ser “lidos” nos significantes corporais visíveis e facilmente reconhecíveis, tais como a cor da pele, as características físicas do cabelo, as feições do rosto, os gestos, o andar e o vocabulário. Naturaliza-se, inclusive, a violência, imputando-lhe a característica de marginal natural (“está no sangue”, “tem que ser paranaense”, “só podia ser do Paraná”).

⁴⁰ Mas nem todos os “estrangeiros” são mal vistos em Jaraguá do Sul. Aqueles que se dizem “jaraguaenses de coração”, que ocupam cargos de prestígio e não moram na periferia, não sofrem o estigma imputados aos “outros”.

⁴¹ Marcelino, de Dois Vizinhos (PR), mora no Morro da Pedra desde 1990.

⁴² Veroni, de Dois Vizinhos (PR), mora no Morro da Pedra desde 1992.